



Politreco

ESCOLA POLITECNICA
BC

Trilhos suspeitos

Nestes últimos dias pudemos ver o escândalo da concorrência da Ferrovia norte-sul. Este foi a penas um escândalo do gênero que tornou-se público, porque no Brasil Federal, estadual ou municipal, e sim, um acordo de elites políticas com construtoras que contribuem de alguma maneira para com as elites, principalmente financeiramente. Temos muitas empresas de construção civil que entram em "concorrências públicas" para não serem desonestas.

Mas o que vemos é a falta de patriotismo dos governantes e construtoras com grandes ambições.

Aqui, neste país, infelizmente, perdeu-se o senso de coletividade e passou-se a pensar na indi-

vidualidade de cada um.

Cada político que tirar o que pode como financiamento de sua campanha para um cargo político mais elevado.

Com esse pensamento, vemos escandalos financeiros e obras de grande vulto, em que só terão retorno a longo prazo, isto é, se tiverem retorno.

Não podemos pensar que o presidente pretende construir essa ferrovia só por aspirar a um cargo mais elevado. Então de duas uma, ou há algum outro interesse nessa obra, seja ele político ou até internacional, ou o presidente quer marcar a sua administração com essa obra como J.K. com Brasília, já que o plano cruzado

foi um fracasso.

Mas seja qual for a intensão do presidente, esta é uma obra inadequada para hoje, já que necessita-se recursos externos e há um longo prazo de retorno de capital.

Apesar da grande visão do presidente, já que esta obra, representa o desenvolvimento dos estados menos privilegiados do Brasil, e o momento certo para esta obra seria daqui a alguns anos, mas poderia não mais cair no mandato de Sarney e como manda a política aqui, teremos que suportar mais esse sufoco.

Mariano Assunção

Logo após o escândalo...



Especial - 8 páginas

Arquivo do CEE

O arquivo de provas está sendo desfalcado! Ele foi organizado com o intuito de facilitar a vida dos alunos, de todos os alunos. Mas algumas pessoas não entenderam o espírito da coisa. Como o centrinho (CEE) está temporariamente sem secretária, os alunos estão tendo acesso direto ao arquivo. Algumas provas não estão voltando. Pedimos aos usuários do arquivo que têm provas em seu poder que as devolvam para que outros alunos também tenham acesso a elas.

COMISSÃO DE ENSINO - CEE

PROBLEMAS SEXUAIS

desde 1840
abreu
A experiência faz a diferença

EXPEDIENTE



GRÊMIO
DA
POLI

EDIÇÃO
Denilson Paiva Leite

REPORTAGEM
Fernando A. P. Leite

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ralph E. Machado de Lima
colaboração: Fábio Martins

COMPOSIÇÃO
Marta Lopes e Joana D'Arc

TIRAGEM
2000

Centro de Produção

Em 1985, o primeiro ano, que era básico na POLI, foi extinto e os calouros ingressaram na escola com opção já feita. Ainda mais foi criado o curso de Produção que até então era administrado junto com o curso de Mecânica: após o terceiro ano o aluno fazia a opção para produção ou para mecânica.

Neste ano (1987) a produção ficou totalmente independente, tendo de primeiro até quinto ano completado com a opção das terceiristas que estavam para escolher o curso para este ano.

Com esta separação departamental houve uma necessidade da separação do CPM, que é um centro formado pelos da produção e da mecânica. Esta necessidade ocorreu por vários motivos: distância da sala do CPM até onde os alunos da produção têm aulas; interesse geral dos alunos da produção ter um entrosamento melhor na produção; a preocupação de ligar os calouros e veteranos da produção; e criar condições de apoio total ao estudo através de provas, relatórios, trabalhos específicos e mais muitas outras atividades de um centro.

O processo já está tudo encaminhado tendo como base uma sala para a instalação do centro nas proximidades da Produção; a participação da renda da XEROX BIÊNIO em metade que o G.P. cedeu para nós; todos os bens do CPM que serão divididos em metade; um armário de arquivo de provas conseguido através do GRÊMIO; e um quadro de informações no corredor do departamento.

Para chegar até o estágio onde estamos, houve sacrifício e paciência de algumas pessoas. Gostaria de agradecer a elas pelo que lutaram até agora, e pedir para continuar trabalhando até que o nosso objetivo seja concretizado. Também gostaria de agradecer pela ajuda e compreensão dos vários membros do CPM atual e o GRÊMIO POLITÉCNICO que está constantemente ao lado acompanhando a nossa formação.

Finalmente, para aqueles que tenham alguma dúvida em relação a formação do Centro de Produção, encaminhe ao seu representante da sala para o esclarecimento.

(CPM - PRODUÇÃO)
CHONG

Dez Mandamentos

O Livro das Mágicas do Cálculo nos mostra que existem 10 mandamentos básicos de nossa religião. De acordo com o santo livro, quem não seguir os mandamentos sofrerá com o fragelo do Anjo Depê. Portanto aqui estão:

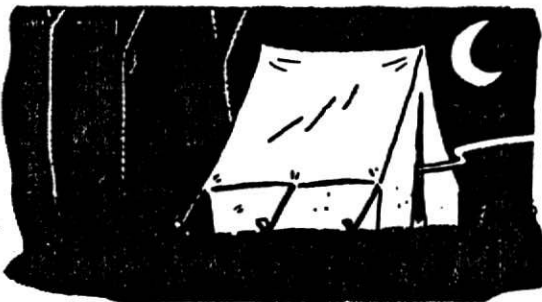
- Amar o Cálculo acima de todas as coisas;
- Honrar a derivada e a integral;
- Não calcularás em vão;
- Não acochambarás;
- Não chupinharás;
- Não deixarás nenhum exercício em branco;
- Não dormirás na aula;
- Não cobiçarás a demonstração do próximo;

- Guardarás o sábado (domingos e feriados) p/ o estudo;

- Idolatrar Newton, Leibniz, e outros santos profetas;

Seguindo à risca os mandamentos você poderá penetrar (espiritualmente) na nossa comunidade religiosa...

SRHIKT ORMVFF - Nascido na Moldávia, era um andarilho requengueira que, através da EPUSP, descobriu os segredos sagrados (s/ trocadilho) do Cálculo Hipotético Universal Teórico Estimativo (vulgo C.H.U.T.E.) tornando-se líder de uma seita que todo ano arrebanha centenas de novos fanáticos.



BENHÊ,
VOCÊ PRECISAVA
TRAZER ESTE LIVRO
DE CÁLCULO?

Politreco alternativo

Carta Aberta

O Politreco passa por transformações sérias. Particularmente para mim, não há coerência em aparecerem artigos cortados (contos eróticos-Politreco 131) e entrevistas onde percebemos uma descon-tinuidade, soltos na última página, enquanto sobram espaços vazios até para explicar a continuação da entrevista (no caso com o Golpe de Estado).

A preocupação visual do Politreco está prejudicando a exposição da continuidade de idéias de alguns artigos e esses atrasos fazem com que o leitor já não espere a próxima semana para terminar de ler um artigo.

O Politreco é um meio alternativo, e como tal não pode nunca perder esta característica, como por exemplo as entrevistas com músicos underground (independentes). Espero que sejam tomados certos cuidados com o Politreco, e que os textos alternativos não sejam boicotados ou interrompidos.

Claudio (2º Civil)

Bimbola

Um nove oito meia
Fiiiiiiiiiiuuu....Bam!
O Grêmio Caiu
Um nove oito sete
Glub!...Glub!...Glub!
O Grêmio agudou
Era nosso, não era?
Bimbola neles!

PS.- Semana que vem, enterro simbólico do Politreco.

Zé Alves (Eca/Civil)

GRÊMIO

O Grêmio Politécnico (jaz um dos maiores do país), só sabe tomar posições em relação à festas, deixando alunos e professores sem saber sua colocação em relação à greve.

Ps.: E se teve alguma opinião formada tratou de guardá-la para si.

GIONNY RONCO 2º ANO CIVIL

À DIRETORIA DO G.P.
E aos responsáveis pelo
Politreco

do antigo editor-MAX

Antes de tudo, devo lembrar que fui aluno da Poli (saí em março/87), diretor e integrante da comissão de imprensa e produtor gráfico empregado do G.P..Como ainda tenho a matrícula na Poli, sinto-me no direito e dever de escrever e protestar contra o declínio do jornal.

O Politreco perdeu toda a sua força como veículo de livre expressão dos alunos, por causa da falta de motivação dos alunos para escrever, de falhas na periodicidade, e modificação na linha editorial, que foi o motivo que me levou a brigar com a diretoria do G.P.

O editorial do Politreco nº 129, assinado por Ralph, diz que "... as modificações cogitadas pelo último editor foram concretizadas através do projeto gráfico elaborado pelo Meirelles, editor da Revista Politécnica...". Isto é mentira, pois as mudanças que cogitei seriam no sentido de fazer um Politreco misto do antigo, com toda a força da livre expressão dos alunos, unido com reportagens feitas em conjunto por repórteres e o editor. Isso com a implantação do Conselho Editorial, que reuniria representantes do GP, centrinhos e convidados como funcionários, professores e alunos da Poli, para que o Politreco fosse um verdadeiro jornal que espelhasse a comunidade politécnica.

A diretoria da qual fiz parte fez gestões no sentido de tornar o Politreco um jornal mais "diretorizado", com o que não concordava, e o fato de eu sair da Poli e a discussão de ficar ou não diretor e/ou ser contratado produtor-

gráfico e editor pelo G.P., foi o caminho para que se consumasse a minha saída do G.P. (darei detalhes na semana que vem, se tiver Politreco). Me chamaram de irresponsável e chegaram a cogitar censura. E no que deu tudo isso?

A diretoria está controlando o Politreco, empobrecendo o seu conteúdo, e apresentando-o graficamente com soluções que estão no "Dossiê Politreco", só que o resultado não satisfaz. E tenho informações de artigos que estão aguardando um mês para sair, e entrevistas mal editadas.

Com a queda do projeto, reportagens sobre eventuais desmandos da diretoria da Poli, ou dos professores ou mesmo artigos isentos sobre as eleições do G.P., feitos independentemente da diretoria em exercício, não serão feitas. Assim como sobre a personalidade dos politécnicos(as), e muitas outras. E pior de tudo, o jornal ficou babaca. Fora algum artigo isolado, vemos que o incentivo morreu para todos que queriam fazer um jornal com humor, informação, idéias e desbitolante acima de tudo.

Lamento que tenham surgido mais um boletim de C.A., no lugar do Politreco antigo. Não só por mim, mas pelos politécnicos que perderam um jornal. Se o quiserem de volat, que lutem por ele ora.

Max Alberto (ex-Poli/ECA)

PS.1: O artigo foi afixado em murais por toda a Poli, caso não se ja publicado, para prevenir e pressionar.

PS.2: As razões da minha saída, ou melhor, os detalhes, sairão na próxima edição.

PS.3: Beijos e abraços àqueles que me apoiaram (e apoiam) e que falam que têm saudade daquela época. Eu também tenho.

Novo horário do



DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
			Fecha- mento alunos	Fecha- mento Grêmio	Redução e títulos	Diagra- mação
Diagra- mação	Arte final		Gráfica	Distri- buição		

Rock Arte

GOLPE DE ESTADO

(última parte)

Nelson: Banda underground, assim, tem a fama de fazer um disco rápido, porque é econômico, não pode gastar dinheiro em estúdio e a banda que fizer um disco legal em pouco tempo, é um prestigiosinho. Pô! Quanto tempo levou? Foi feito em dois dias foram duas tomadas em que foram gravadas todas as músicas e a gente ensaiou mais para se conhecer.

Paulo: Nós começamos a fazer tudo juntos, inclusive as letras. As músicas que a gente tocava em 1979 a gente falou pro Elcio: - A música é mais ou menos assim, faz o que você quiser. A gente deixou cada um liberto prá fazer o que quiser.

Nelson: As coisas aconteceram muito rápido, inclusive a rádio USP, - Pô, vocês tem que ir lá, levar o disco... Sortear no ar, o programa foi "Cara e coragem".

Paulo: A 57 FM e as rádios independentes dão muita força pra gente, sei lá ao contrário de muita gente, temque ter muito mais pique e mais boa vontade prá bater e sair.

Sonia: Eu gostaria que vocês falassem um pouco, justamente do esquecimento das rádios por aí, da receptividade, do jaba que o pessoal paga para tocarem as músicas.

Nelson: Depende de como o negócio é feito, né, porque a Baratos tem um nome mais ou menos forte, eles não podem evitar a Baratos é uma coisa que já tem muito tempo, trinta títulos, é um negócio cultural mais dirigido pra arte mesmo, eles não fazem disco: - Oba, vamos vender... O Luiz chega lá e fala: - Faz o que você quiser... Então por aí em rádios jornais eles não podem deixar passar, chegando um material da Baratos eles tem pelo menos, nem que eles não escutem, fazer uma cara engraçada... mas se é você mesmo que está levando depende de como vai tratar com a pessoa. Essa coisa de jaba, de pagar pra tocar, existe mas nós não ficamos expostos ainda. Sempre que nós nos propusemos a falar com alguém os caras foram receptivos.

Sonia: E na televisão como vocês sentem a divulgação?

Paulo: A TV Cultura dá uma força.

Nelson: E, porque a televisão tem uma transa, que é um vídeo, se você tem um clip, ou pelo menos, alguma coisa registrada, é mais fácil você entrar, se você levar o vídeo lá e tiver a paciência de saber com quem falar, as vezes eles tem a paciência, sabe, de ouvir e colocar coisas novas...

Eu não acho tão fechado, pelo menos, pra gente, eu estou falando mais particularmente, com a geral tem problemas, e o pessoal sabe, não faz mesmo tipo: não estamos interessados...

Sonia: Você quer dizer que o pessoal mostra aquilo que está interessado em vender e nessas a gravadora independente dança...

Nelson: É, não tem a grana pra chegar lá, o poder, que são as pessoas que vão até o rádio, televisão e já conhecem todo mundo, então nesse ponto a gravadora independente tem a própria força de ser independente.

Paulo: A gente está fazendo arte, a gente não está fazendo um produto pra vender, se vender ótimo, se não, a gente vai continuar fazendo do mesmo jeito, sei lá, eu acho que o que é bom acaba sendo reconhecido. É uma coisa em que a gente acredita e não vai desistir tão fácil assim.

Nelson: A gente nunca teve pressa tipo: - Tem que estourar esse ano. Isso não, a gente sempre gostou de tocar e inclusive de graça, se fizemos trinta shows, vinte foi de graça. A gente toca sem a preocupação de ter que estourar no futuro.

Paulo: A gente quer mostrar o trabalho para o público, não importa se se está ganhando pra isso ou não. Inclusive é uma coisa que o público saca, principalmente o pessoal que está seguindo a gente e é mais emocionante, sabe! Porque a gente chega a não ter condições nenhuma e a gente vai, faz um puta show, independente de estar ganhando ou não e o show é sempre o mesmo, tendo pouca gente ou não.

Nelson: Do mesmo jeito que a gente vai tocar pra poucas pessoas, não importa quantos vão ouvir a gente, o que importa é que oussam legal e isso a gente sempre tem dentro da gente.

Sonia: E quanto à crítica? Como vocês encaram?

Nelson: A gente não tem nada contra a crítica, a gente só acha que se um cara quiser criticar um trabalho ele tem que conhecer, ou seja, ouvir discos do som "x", por exemplo, que tipo de som é? Onde se encontro os discos? Aí sim depois de se informar sobre o quadro falar o que acha e não sair por aí sem saber do que está falando. Em geral as críticas que a gente recebe tem sido muito boas.

Sonia: E as letras de vocês, como vocês encaram?

Nelson: A gente faz um negócio para a moçada entender, pô! Nós moramos na Inglaterra, não adianta falar de coisas que ninguém vai entender, nossas letras são um negócio que está acontecendo, tipo: - Pra conferir (letra do disco).

Sonia: E o disco, como surgiu a idéia de um lado 33rpm e o outro 45rpm?



Nelson: Ah! Isso foi no fim da madrugada, a gente estava no estúdio conversando aí pintou essa idéia e todo mundo começou a rir, mas aí o Luiz achou legal a idéia...

Sonia: Como está essa linha de frente que está com vocês? Esse pessoal independente?

Paulo: Cada um, está tentando seu espaço, abrir a cabeça de todo mundo, não do próprio pessoal heavy que escula.

Nelson: A gente está em um consenso de que aqui no Brasil tem que se fazer um som, não como um qualquer lugar do mundo, mas sim dirido pra cá, letras de acordo com a moçada, não falando de assunto que não interessa pra ninguém.

Sonia: Qual a emoção nos shows?

Paulo: O legal é trazer a moçada pro palco, fazer eles participarem da festa que a gente está fazendo no palco, porque não tem essa de artista e músico, sabe, tem que cantar juntos, até tocar juntos!

Sonia: Agora pra terminar, eu gostaria que vocês contassem a história de como nasceu o "Golpe de Estado".

Paulo: A gente tinha uma banda, o Ficke Picke, e a gente tocava com o André, guitarrista que tocava com os Heróis do Brasil e que ago





ra está com a Rita Lee que entrou e saiu várias vezes, numa dessas a gente cruzou com o Catalau (vo-cal) há uns cinco anos atrás.

Há uns três anos atrás a gente chegou num ponto em que o pessoal underground estava um pouco perdido, aí então, a gente resolveu ir pra Londres, a gente vendeu tudo que a gente tinha e fomos pra lá, chegando lá fomos proibidos de entrar e fomos pra Portugal, porque eles preceberam que a gente foi tocar lá, tipo pra ficar dez anos Bom, aí tocamos em Portugal e depois conseguimos entrar lá na Inglaterra, depois de um mês o André voltou e nós tocamos em algumas bandas por lá e conseguimos morar lá um ano, trabalhando, fazendo pizzas, cozinhando, varrendo, trabalhávamos, tocávamos até que ficamos três semanas presos lá, porque a gente estava ilegal, com nome falso e trabalhando, e fomos deportados.

nesse interim, enquanto estávamos em Londres, o Elcio estava no Happa e o Catalau dando seus golpes por aí, como a gente tinha falado. Aí nós voltamos e eu entrei nos Heróis do Brasil com o Kid Vinil, nesse interim eu conheci o Elcio e a gente cruzou com o Catalau e começamos a ensaiar só com o violão e eu batucando algumas músicas.

Depois que a gente começou a fazer os ensaios na casa do Catalau e nós precisamos de um guitarrista, aí eu liguei pro Elcio e ele veio e a gente gravou o disco antes mesmo de acontecer alguma coisa com os Heróis do Brasil. Aí pintou a transa do Kid Vinil pra grava e eu sai porque eles queriam que eu ficasse exclusivo com eles, né, aí eu sai pra ficar com o Golpe...pois eu acredito em termos de som, me identifico mais, apesar de que eu gosto muito do pessoal dos Heróis e o resto pintou super rápido...

A música é um meio de mostrar o que a gente sente.

Sonia: Bom, que tal algumas últimas palavras!!

Nelson: Em primeiro lugar quero agradecer a sua iniciativa, sabe, pessoas que fazem o lance não pra agradar ninguém, mas por si mesmas, pra dar uma força, mostrar pro público algo que eles não conhecem. Mostara o que está sendo feito sem intensão nenhuma...

Paulo: Eu queria que o pessoal soubesse distinguir o que é o verdadeiro e o que é o falso, porque está cheio de falsos artistas por aí, que estão ganhando a maior grana e o público não vê isso, tem que saber distinguir para dar valor ao que é verdadeiro.

REPORTAGEM: Sonia V. Vasquez

São Paulo, minha

maratona



Edson
Kenji
Nishimiya

"Que diabos. Vou continuar e correr tudo que posso". Na manhã fria, cinzenta de domingo, correndo sobre o Minhocão, na altura dos segundos andares dos prédios, onde a maioria permanecia gostosamente enrolada em cobertores, o que Joan Benoit dissera na Maratona de Boston, quando avisaram que estava indo num ritmo suicida, me veio a cabeça.

Olhava em frente para um clima enevoado, um asfalto sem vestígio de sujeira, vendo só outros corredores adiante, tudo limpo, sem carros, apenas a pista e silêncio em volta. Corria acima da cidade que vislumbrava com alguns ajuntamentos de pessoas e montes de lixo num ou outro local lá em baixo.

Estava no estado de euforia que todo corredor de distância conhece. Após cerca de trinta minutos de exercício contínuo, segundo os cientistas, o cérebro libera no organismo uma substância, a endomorfina, capaz de induzir a sensações de bem-estar e que ameniza a percepção da dor. Corredores são verdadeiros viciados em endomorfina.

Seja lá como for, deixei de lado a minha idéia inicial de parar nos 27 km e decidi ir até o fim. Seria tolice perder a chance de marcar um bom tempo, já que fazia excelente ritmo, sem esforço, melhor do que se tivesse planejado e treinado para isso.

Passando pelos 19 km, cruzava em pista contrária o líder, 2 km à frente. Pela metade da Maratona, 21.000m, o tempo de 1h28min. era, em média, inferior em pelo menos 30 seg ao que vinha obtendo nos 10.000m em pista. Nem parecia uma competição, fácil do jeito que estava, e ra mais um passeio.

No retorno do Minhocão, no Lgo. Pe. Pêricles, uma cara conhecida - Pô! Você não vai nem suar a camisa? - lá sim. Na volta à Av. 23 de Maio, onde a maior parte da corrida se realiza, se você a conhece apenas de percorrê-la de carro, pô de não parecer, mas é uma brutal subida de 3 km até a altura da Av. Paulista, em seguida de descida até o Ibirapuera. Era aí, nos 27 km que planejava parar, mas fui adiante. Mais caras conhecidas, muitos incentivos, acho que haviam mais corredores assistindo do que correndo, brindei. Na verdade, o percurso da Maratona de São Paulo é muito difícil (eu mesmo havia entrado apenas para treino), por isso mesmo com 50 mil de prêmio para o vencedor, havia apenas um grande nome, Osmiro Silva, 3º colocado.

Minha última boa lembrança foi na passagem de 30 km, 2h05min. - "A Maratona começa aos trinta" - dali para a frente a sucessão de subidas, onde consumia energias finais usando de força, e descidas cujas treadas cobravam demasiado a musculatura das coxas para conseguir ab-

servor o impacto das pisadas, acumularam-se para últimos e penosos 6 km.

Passando o Ibirapuera, o percurso segue até o Aeroporto, não sabia se eram piores as subidas ou as descidas. Em seguida, não sabia se eram piores as subidas ou as descidas. Em mal-estado, entrando no Pque Ibirapuera, cujo contorno perfaz o trecho final da corrida, pose para a foto, amigos são para essas coisas. Puxei os cantos da boca, imaginando que imitava um sorriso.

Por todos 42 km, há placas assinalando cada quilômetro, essas placas se tornavam cada vez mais distantes. Diria Churchill - "Nunca pares de pernas Doerem tanto por tanto tempo" - a dureza do asfalto e o percurso acidentado afinal cobravam a sua parte, tinha pedras no lugar de músculos. Impaciente para chegar e conseguir um descanso, tentava acelerar, mas o movimento das pernas ficava limitado pela perda de elasticidade. Viá no cronômetro o tempo piorar, cada pisada no chão era dolorida.

Para dar uma idéia do que se passava, se alguém lhe socar o braço de forma contínua, no começo você nem sente, dá risada. Mas deixe que continue, em pouco estará doendo, e cada soco a dor aumenta e é só nisso que você pensa, e sofre não só com o impacto, mas também com a perspectiva desse impacto. Tenta uma posição em que sinta menos, por fim nem isso encontra. Parece tortura? Claro que você pede para parar. Mas eu não queria parar, não antes da faixa de chegada.

Festival de dores, porre de sado-masquismo, overdose de ácido lático, sol de gemidos ao cair da manhã. Lógico que não ficaria só nisso, pelos 40 km, demorou mas aconteceu, uma violenta pontada abaixo das costelas, como uma câimbra no abdômen. Parada para expirar fortemente o ar dos pulmões volta, nova parada, volta, ainda a tempo de ouvir um irônico - "Pucha! Como esse aí está mal!" - Deixei barato. Esporte é para isso também, conter impulsos homicidas.

A lépida presença de um camarada baiano, dali a pouco, se encarregaria de deixar tudo isso para trás. Enquanto ouvia meus gemidos e lamúrias, incentivava a que prosseguisse, que faria bom tempo, em boa colocação. Corria do meu lado mas ia mais depressa do que sentia suportável, minhas reclamações de nada valiam, ele continuava forçando. Fiquei dividido entre lhe agradecer profusamente ou planejar a sua morte.

Mas de raiva ou de falta de consistência o encéfalo, o aglomerado de gente no funil de chegada já era visível. Os braços formigando, num esforço final passava a faixa de fim de percurso. 2horas, 58 minutos e 12 segundos, 134ª posição.

Star Trek II

(No episódio anterior, nossos heróis teletransportam-se da nave Interpoli para o misterioso planeta GUSP, sem saberem o que os aguardava).



Diário de bordo (portátil): da ta estelar 87.0903. Materializamos na superfície do planeta bem no meio de uma verdadeira guerra. Um exército de cabeludos, com armas terríveis nas mãos, perseguia implacavelmente um grupo de carecas aterrorizados.

- Que estranhas armas são aquelas, Spork?

- Capitão Kric, pelo meu conhecimento técnico-científico de instrumental bélico, eu diria que são as temíveis tesouras!

- O que elas fazem?

- Transformam os carecas disfarçados de cabeludos em carecas mesmo!

Nesse instante, a atenção dos cabeludos se voltou para nós, que passamos a perseguir-nos. Com as tesouras.

- Cuidado! gritou Scrott, num ímpeto de Lucidez.

- Eu cuido deles com minha Laser ultra-avançada, de feixe pulsante! - disse Trecov, sacando e disparando sua arma. Mas ela não funcionou.

- Xi, acabou a pilha!

Trecov foi brutalmente espancado. Nulo tentou intervir, usando golpes de Karatê-Espacial. Foi derubado com um pé-no-ouvido.

- Vamos correr! bradei eu.

Corremos e refugiamos-nos ao lado de uma estranha construção cor-de-abóbora, redonda, que mais parecia um pudinzinho. Mac Conha fez curativos de emergência em Trecov e na orelha de Nulo. Esperamos um pouco.

- Eu, Spork e Scrott vamos reconhecer a área. Vocês três ficam por aqui. Voltaremos logo.

Saímos. Logo em seguida, depa-ramos com uma sala abarrotada de pessoas que se digladiavam para sentar-se em frente daquilo que se parecia ser um terminal arcaico.

- Creio que é neste local que se implementam os algoritmos iterativos necessários à determinação dos parâmetros numéricos de problemas insolúveis! - sugeriu Scrott.

- Ele disse que isto é um computador! - traduziu Spork.

- Ótimo. Vamos ver de perto! - falei.

Entramos no recinto. Uma loucura! Uns choravam, outros esperneavam, alguns rasgavam papéis e atiravam para cima. Aproximamo-nos de um rapaz, com um osso de borra-cha na boca, que dava um violento

tapa no vídeo, cada vez que lia a misteriosa palavra "Créditos=0".

- Olá! Nós somos da nave Interpoli e...

- É amanhã! É amanhã! Dance! - dizia o rapaz.

- O que está acontecendo aqui? - perguntei

- É amanhã! Dance! - insistia o rapaz.

Era mesmo incomunicável aquele pessoal daquela sala. Saímos depressa daquele antro de loucos.

Tem certeza que isto é um computador, e não um sanatório?

Scrott não disse nada. Pareceu identificar-se com o local.

- Felizmente aquela guerrilha acabou! E não há ninguém com uma tesoura à vista! - observou Spork.

Eu já ia acrescentar um "É mesmo" quando uma voz atrás de nós falou:

- Isto é o que vocês pensam, estranhos!

O LAGARTIXA, homem discreto, pode ser encontrado andando pelos muros do Biênio ou caçando moscas no restaurante do CRUSP.

Aos jovens

O mundo está deturpado! As pessoas não se entendem mais. Nos dias de hoje certamente está se criando um mundo com medo, com pessoas inseguras de si, entregando-se ao que der e vier. E a principal consequência dessa insegurança é o jovem de hoje, que é "Baileado" diariamente, ficando completamente medroso e inseguro. Certamente, se não houver mudanças, com nós, jovens de hoje, dirigindo o mundo no futuro, será fatal, o planeta declinará até a sua extinção.

Com a ascensão da Revolução Industrial começou o declínio. Com o advento do progresso a cabeça das pessoas foi ficando perturbada. O mundo que os "poderosos" estão criando é a pior arma já inventada pelo ser humano. A procura desesperada por um mercado consumidor vê no jovem a sua esperança, com isso vemos colegas consumindo acima de suas capacidades. E muitos falam que nós jovens somos rebeldes, mas nós não ficamos rebeldes, fizemos-nos rebeldes. Um jovem que raciocina jamais forçará a renda de sua família comprando supérfluos. O que o jovem vê pela frente é a palavra "compre" e isso é o que está modificando a juventude atual.

Se acompanharmos a evolução do ser humano, veremos que o jovem se modificou mais acentuadamente com o avanço dos meios de comunicação, que ao invés de servirem à comunidade, servem às indústrias que fomentam cada vez mais a uma grande riqueza.

Principalmente a televisão, está ensinando que o mais valioso em uma pessoa é o dinheiro que ela tem e não o que ela pensa, o que ela é. E também mostra, infelizmente que quem tem dinheiro já mais é afetado pela justiça.

Nessa massificação intensa o jovem vive em função do consumo e

não em função da vida.

O mais preocupante ainda é a descoberta das crianças como consumidores. As indústrias de brinquedos financiam programas infantis que nada educam e sim, despertam na criança a ganância. Nenhuma criança mais se impõe frente à vida, na certeza de que existe um super herói que as protegerá eternamente!

Infelizmente a nossa juventude está doente. Vemos jovens que só pensam em ter mais para exibirem-se aos "amigos". Amigo é uma palavra que está perdendo o seu sentido real, porque como disse Saint Exupery "...como não existem lojas de amigos, os homens não tem mais amigos...".

Talvez se um dia pensássemos como Einstein:

"Vejo os homens se diferenciam pelas classes sociais e sei que nada as justifica a não ser pela violência".

"Sonho ser acessível e desejável para todos uma vida simples e natural, de corpo e de espírito".

"Ora, a humanidade se apaixonou por finalidades irrisórias que têm por nome a riqueza, a glória, o luxo. Desde moço já as desprezava".

"Tenho forte amor pela justiça, pelo compromisso social".

"Todas as riquezas do mundo, ainda mesmo nas mãos de um homem inteiramente devotado à idéia do progresso, jamais trarão o menor desenvolvimento moral para a humanidade".

"O dinheiro polui tudo e degrada sem piedade a pessoa humana".

"Não posso comparar a generosidade de um Moisés, de um Jesus ou de um Gandhi com a generosidade de uma Fundação Carnegie qualquer".

Joaquim Azevedo.

ESCREVA!

A Volta do Messias

Fiquei muito emocionado ao ler "Saga de Heróis", do Politreco (ex-illustrado) número 132.

Acredito que uma instituição como a HSQUQFT (que o calouro imbecil, como já notei ainda insiste em não.pronunciar PRÓING) deve ser reerguida.

Como foi dito, imagina-se que o Dr. Kivibes e o Capitão Bláhh! estejam em algum lugar longe daqui, mas eu creio que eles estão bem na frente dos nossos narizes, disfarçados em simples transeuntes.

Eles vêm à Poli, para dar uma sacada no clima geral, e assim não preparando a volta triunfal; mas o disfarce é tão bom que nem os aplicados integrantes do grêmio o reconhecem.

Portanto, quando te perguntarem "aonde fica a Veterinária?" não fique olhando o "simples transeunte" com cara de imbecil, mas mande-o para a sala do Grêmio para que possa ser reconhecido, e assim desmascaremos o Capitão Bláhh!

RASPUTIM, O MANICACA;

Calouro

Meu Deus, entrei... Viva... Parabéns - Meu filhinho é o máximo - Comentava mamãe para as amigas no chá de todas as quintas na casa de Dona Otacília. Esta por sua vez morrendo de inveja pensava entre si! - Essa USP já não é mais a mesma. Boa mesmo é a FEL onde o Tavinho está estudando. Já meu pai falava explicitamente:- Porra, tinha que entrar justamente em Civil... Eu não te falei que o negócio era Mecânica? Tá vendo no que dá só assistir aquelas aulinhas de manhã no Objetivo? Quem manda não estudar no sábado a noite também... Eu te avisei, a gora vai se formar prá construir sobradinho por aí. Meus avós já emendavam:- Esse garoto é mesmo de morte, vai ser o futuro Presidente da República.. Aí sim o Brasil vai prá frente. Meu tio do interior exclamou: - Puxa vida, a última vez que eu te vi era ainda um bebezinho e agora já está na faculdade. A tia do interior:- Meu Deus, como ele cresceu. O seu manê da padaria pensava no futuro:

- Quem sabe rapazinho, quando você se formar nós não sejamos socios; Você entra com o projeto da casinha e eu financio. Depois de vendida, 3% do lucro é todinho seu.

Mas as aulas começaram e eu vim a tomar conhecimento de coisas que os professores do cursinho não divulgavam. Minha nossa, agora eu acredito na nova versão do Bicho Papão em plena era universitária. Desta vez recebe o nome de Física I Conheci também a famosa dupla dinâmica Cálculo I e o garoto prodígio Pré-requisito, eternos defensores da "Lei do mais bitolado".

Mas apesar de tudo vai-se indo. E eu que ontem fui um Bicho e hoje, após tomar conhecimento dos primeiros zeros da minha vida, me sinto mais calouro que nunca.

É papai, acho que vou fazer ECA! (Será que ele vai ficar chateado?)

RIM 87.

Somos todos iguais 3

(A igualdade está nos olhos de quem a vê)

No capítulo anterior, Júnior vai terminar sua noite de sábado com um ato de suprema covardia (cinco contra um). Quando está lendo sua revista erótica no banheiro, é flagrado por sua avó:

- Meu Deus, Júnior! O que você está fazendo?

Esse é o tipo de situação que não de seja para ninguém: ser apanhado com a mão na massa. Lembrei-me do dia que nosso esquema de cola foi desbaratado. Depois de tentarmos transmitir a solução da questão que cada um fez do resto do grupo fomos surpreendidos pelo professor que pretendia mostrar serviço. Todos levamos zero, e pior, tivemos que aguentar as explicações do Serginho, o artilheiro do nosso time de futebol.

- Bem, nós treinamos chutes para acertar as questões e passes de questão a curta distância, você entende? Tudo joga da ensaiada, porque jogo rasteiro é mais bonito, você entende? A gente não pode ser displicente e subestimar o teste, você entende? Além do mais o professor está muito prestigiado pela diretoria, você entende? Nosso forte é o jogo de equipe...

Minha avó, de maneira firme e intimista, insiste em perguntar:

- Responda, Júnior: É essa a educação que nós lhe demos?

Percebo que vovó não estava usando culos.

- Júnior, nós já lhe dissemos que não deve ler no banheiro. Outros também queremos usá-lo!

- Sabe vó, é, bem, pensei que todos estivessem dormindo. Salvo pela miopia da vovó.

E nada melhor que uma boa noite de sono e um bom domingo com macarronada e Silvio Santos para recuperar as energias para mais uma semana de provações.

John Douglas Northeart

**QUEM PROCURA
ACHA.**

Mais cedo, na loja do Biênio,
das 7:30 às 17:30, ou mais tarde,
na Civil, das 8:00 às 20:00.

LOJAS DO GRÊMIO

Cadê a bunda?

Como todos sabem, recentemente tivemos um concurso promovido pelo CEC destinado a eleger os diversos tipos de ânus politécnico (o maior, o melhor, o pior, mais engraçado) teria tido este concurso êxito total se não tivesse ocorrido um fato PROFUNDAMENTE LAMENTÁVEL no tocante à divulgação e ao resultado.

Ocorre que uma das fotos candidatas e provável vencedora (posteriormente detectada num furo jornalístico como sendo SAMIRA IUTA) resolveu, num ato de profunda falta de consideração com a opinião pública, ocultar tanto sua identidade como seu exuberante CÚ.

Fica aqui registrado nosso eventual protesto esperando que não sejam mais repetidas tais agressões à liberdade de imprensa fotográfica.

A Censura acabou ou não? Queremos o RABO de SAMIRA IUTA!

B enemérita
U nião
N acional dos
D escobridores de
A nus



VETERANO,



NÃO MATE SEU BICHO!

Guerras de Pista



Edson
Kenji
Nishimiya

Ponteando o pelotão na marca de 8.000m, naquele 22 de agosto de 1983, José João da Silva, nosso bicampeão tupiniquim da S. Silvestre, sem dúvida vislumbrava sua chance de conquistar uma medalha nos 10.000m do Pan-Americano de Caracas. Mais ainda os que aqui a acompanhavam a transmissão via rádio da Venezuela. Decepção. Ouviu-se apenas o entusiasmado locutor ir aos poucos murchando, as duas voltas do final, José João, ultra passado, perde contato com os líderes e briga duro para ainda se colocar em quarta posição.

A tática falhara. Sabedor de sua pouca velocidade em chegadas, é praxe José João largar na liderança, tentando aniquilar seus adversários impondo um ritmo forte, afastando-se a uma distância segura, que o poupe de disputas nos finais de prova. Talvez ele devesse ter forçado mais seu ritmo, o tempo que marcou, 29m38s, está longe de sua melhor performance, 28m09s, recorde brasileiro. Pensar assim, no entanto, não leva em conta nem as circunstâncias de temperatura e ambiente, nem principalmente, o nível da competição.

Nos grandes eventos interessam vitórias. Ninguém quer saber as marcas, que não sejam como consequência de uma prova veloz. Nenhum potencial vencedor sairá com o fim único de sustentar um ritmo uniforme por toda a corrida, beirando o limite de sua capacidade, sem no entanto ultrapassá-lo, se souber que tem adversários que adorariam vê-lo fazer isso, "grudando" em suas costas e forçando sua resistência além do que pudessem suportar. O que existem são táticas. Ao mesmo tempo que se poupam, tentam cansar os adversários, usando para isso de quebras de ritmo, súbitos disparos, jogos de equipe com companheiros servindo de cobaia, "caixotes" onde um competidor muito perigoso é cercado e impedido de se distanciar, e raro, mas eventualmente utilizado, jogo sujo, cotovelos e empurrões.

A quarta posição de José João se não foi uma ótima colocação, pelo menos estava dentro do esperado. Com excessão de alguns corredores norte-americanos, ali estava o que havia de melhor nas Américas. O recordista da América do Sul, o colombiano Domingo Tibaduiza com 27m53s, era um deles. Os EUA, por sua vez, mandaram um desconhecido, porém promissor atleta, Mark Nenow, que atualmente é o maior nome entre os americanos. Em 5 de setembro de 1986, na cidade de Bruxelas, Nenow bateu o recorde dos Estados Unidos, de Alberto Salazar, 27m20s, terceira marca de todos os tempos no 10.000m.

No entanto, o maior nome em pista era, sem dúvida o de Rodolfo Gomez. Como? Nunca ouviu falar? Pois num período em que milhões de pessoas nos EUA, de repente, passaram a prática do "jogging" (só no Brasil chamam de "Cooper"), Gomez se tornava conhecido como vice-campeão da maior corrida do mundo, a Maratona de Nova Iorque, frente a 20.000 inscritos fazia ele renhidos finais com Alberto Salazar. Era além disso, também o último campeão pan-americano.

A guerra, na verdade, se inicia fora das pistas, com toda a badalação em torno das estrelas e o estudo mútuo entre os próprios atletas. Rodolfo Gomez, um mexicano, no entanto, com dores no nervo ciático obtém apenas a sexta colocação. Outro mexicano, José Gomez, chegando oculto pelo favoritismo do compatriota, surpreende os medalhões, que ao vê-lo, provavelmente, o acharam com poucas chances, e leva consigo o ouro.

- Classificação final

1. José Gomez-México-29m14s75
2. Domingo Tibaduiza-Colômbia - 29m17s12
3. Mark Nenow-EUA-29m22s46
4. José João da Silva-Brasil-29m38s56
5. German Pena-Colômbia-29m38s91
6. Rodolfo Gomez-México-29m41s83